

AS PERSONAGENS FEMININAS NA OBRA DE JANE AUSTEN

PERES, Cristina Moraes Coelho<sup>1</sup>

BRASÃO, Heber Junio Pereira<sup>2</sup>

SOUSA, Cristina Soares<sup>3</sup>

ABREU, Maria do Carmo<sup>4</sup>

**RESUMO**

**Introdução:** Este trabalho apresenta um estudo na área de Literatura Inglesa, especificamente sobre as personagens femininas na obra “*Pride and Prejudice*”, de Jane Austen. **Objetivo:** Descrever as personagens femininas na obra “Orgulho e Preconceito”, de Jane Austen. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com consultas em livros, artigos científicos e *sites* da Internet que tratam do assunto. **Resultados e discussão:** Os resultados mostram que Jane Austen criou, em sua obra “*Pride and Prejudice*”, personagens femininas que seguiam os valores sociais da Era Vitoriana, no entanto, a protagonista da obra, apesar do contexto no qual estava inserida, mostrou-se forte, autêntica e não permitiu que seu destino fosse ditado pelas convenções sociais da época. **Considerações finais:** As personagens femininas de Jane Austen na obra “*Pride and Prejudice*” foram criadas em uma época em que o patriarcalismo era marcante, mas a protagonista, Elizabeth Bennet, quebrou os padrões da sociedade inglesa no século XIX. Essa mulher não colocava sua liberdade em risco, apesar dos costumes aos quais estava inserida. A autora conseguiu criar uma personagem que foi de encontro às condições fundamentais do período.

**Palavras-chave:** Literatura. Literatura inglesa. Jane Austen

**ABSTRACT**

**Introduction:** This academic work presents a study in the area of English Literature, specifically about the female characters in the literally work “*Pride and Prejudice*”, by Jane Austen. **Objective:** To describe the female characters in the literally work “*Pride and Prejudice*”, by Jane Austen. **Methodology:** This is a bibliographic search, with consultations on books, scientific articles and Internet sites that deal with the subject. **Results and discussion:** The results show that Jane Austen created, in her work “*Pride and Prejudice*”, female characters who followed the social values of the Victorian Age, however, the protagonist of the work, despite the context in which she was inserted, proved to be strong, authentic and did not allow her destiny to be dictated by the social conventions of the time. **Conclusion:** Jane Austen's female characters in the work “*Pride and Prejudice*” were created at a time when

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras pela Unifucamp – Centro Universitário Mário Palmério  
✉ cristinaperes@unifucamp.edu.br

<sup>2</sup> Coordenador dos Cursos de Ciências Biológicas, Letras e Pedagogia na UNIFUCAMP, Monte Carmelo. MG.

<sup>3</sup> Coordenadora do Núcleo de Pesquisa do UNIFUCAMP

<sup>4</sup> Professora do Curso de Pedagogia do UNIFUCAMP

patriarchalism was striking, but the protagonist, Elizabeth Bennet, broke the standards of English society in the 19<sup>th</sup> century. This woman did not put her freedom at risk, despite the customs which she was attached to. The author managed to create a character that was against the fundamental conditions of the period.

**Keywords:** Literature. British Literature. Jane Austen.

## INTRODUÇÃO

As obras da escritora inglesa Jane Austen fazem parte do estilo de época romântico e, com isso, suas mulheres deveriam seguir os padrões da época. No entanto, a personagem Elizabeth Bennet, protagonista da obra “*Pride and Prejudice*” destaca-se por não permitir que esses padrões ditassem seu destino. Historicamente, percebe-se que as mulheres no século XIX seguiam os padrões vitorianos e não podiam expressar suas opiniões, seus conceitos. Nascidas para agirem como moeda de troca no mercado dos casamentos, elas já nasciam com seus destinos decididos pelos pais e não tinham direitos, a não ser os que se referiam ao universo doméstico. Tinham que ser subservientes em relação ao homem, que tinha sobre elas poder de vida e de morte. As mulheres eram proibidas, inclusive, de ter propriedades e suas heranças eram administradas pelo marido e, quando solteiras, por um tutor. Não tinham liberdade de gastar seu dinheiro sem autorização de um homem, tutor ou marido e, mais tarde, na viuvez, pelo filho homem.

O patriarcalismo reinou durante o século XIX, designando que a mulher era obrigada a seguir as normas impostas pela sociedade. Também não tinham acesso ao conhecimento e eram mal vistas se tivessem muita cultura. Ler os romances de Jane Austen é como ler o universo britânico do século XIX, antes das ações feministas.

Em vista do exposto, o objetivo deste estudo foi analisar as personagens femininas de Jane Austen no romance “*Pride and Prejudice*”, tanto aquelas que retratavam perfeitamente os valores morais da época, quanto Elizabeth Bennet, que não seguiu as convenções da sociedade inglesa.

A pergunta de pesquisa, que orientou a realização desta investigação, foi: em que extensão as personagens femininas de Jane Austen conseguiram contestar e afirmar a visão de mundo do patriarcado inglês?

Este estudo se justifica devido à importância literária de Jane Austen, que é considerada uma das mais notáveis escritoras em âmbito mundial. A escritora britânica conseguiu colocar em

suas obras personagens marcantes e que, mesmo com o passar dos séculos, continuam atuais. Além disso, mesmo diante do fato de que a mulher era vista como inferior ao homem, Jane Austen discorreu em suas obras sobre a moral da sociedade inglesa com excelência, o que pode ser visto como uma crítica aos padrões ingleses.

Para apresentar os resultados obtidos, este artigo se divide em três seções, além desta introdução. A primeira seção apresenta os fundamentos teóricos da pesquisa e divide-se em três subseções. A primeira descreve as características do Romantismo literário na Inglaterra; a segunda traz a biografia de Jane Austen e suas principais obras; a terceira apresenta as características da sociedade vitoriana do século XIX. A segunda seção descreve a metodologia de trabalho. Em seguida, a terceira aprofunda a análise das personagens femininas na obra “*Pride and Prejudice*”, de Jane Austen. Após, são tecidas as considerações finais e apresentadas as referências.

## **1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS**

### **1.1 O Romantismo literário na Inglaterra**

O Romantismo literário tem como berço a Alemanha e a Inglaterra. Na Inglaterra, nasce em um momento turbulento da História, marcado por revoluções e por mudanças sociais. O movimento romântico pode ser considerado uma reação à Revolução Industrial, uma revolta contra as normas do Iluminismo e uma oposição à racionalização da natureza. Segundo muitos estudiosos, a publicação de *Lyrical Ballads* em 1798, uma coleção de poemas de William Wordsworth e Samuel Taylor Coleridge, é tomada como o marco inicial do Romantismo. O movimento romântico na literatura inglesa inicia-se no século XIX, mas seus princípios foram originados na poesia do século XVIII, com o romance gótico e o romance sentimental.

A literatura gótica surgiu, aproximadamente, no século XVIII e, na Inglaterra, essa forma de escrever fundamentou-se nas mudanças sociais que ocorreram na época, como a Revolução Industrial, as transformações nos centros urbanos e a expansão da classe média. Além disso, a situação precária dos trabalhadores e até mesmo a poluição do meio ambiente, ocasionaram uma reação negativa contra a urbanização e a industrialização e levaram a uma valorização da natureza. Como o gótico literário surgiu em um contexto em que o Iluminismo gerava inquietações entre a razão e o sentimento, essa literatura procurou lidar com o lado emocional dos personagens. O gênero é inaugurado com a obra “O castelo de Otranto”, escrita por Horace Walpole no ano de 1764. O gótico ficou conhecido por suas obras repletas de lugares excêntricos, que escondiam algum segredo sobrenatural e que colocavam em jogo o psicológico

e a dignidade dos personagens. E nos leitores, os elementos narrativos do gótico provocam medo e até mesmo repulsa. Uma romancista gótica de destaque é Ann Radcliffe, que tem como seu trabalho mais popular “The Mysteries of Udolpho” (1795), muitas vezes citado na obra “Northanger Abbey”, de Jane Austen.

Já o romance sentimental desenvolveu-se na segunda metade do século XVIII. Ele apreciava as dádivas do sentimentalismo e valorizava o sentimento em detrimento do intelecto. Nas cenas desses romances, eram as emoções dos personagens que conduziam a narrativa e não uma sequência de fatos. Os personagens eram colocados como modelos do “sentimento fino”, já que eles eram muito emocionais e simpáticos, conseguiam visualizar a beleza na Natureza. Os principais autores dos romances sentimentais são Maria Edgeworth, Samuel Richardson, Oliver Goldsmith, Antoine François Prévost, Goethe e Jean-Jacques Rousseau.

A segunda geração de poetas românticos inclui Lord Byron (1788–1824), Percy Bysshe Shelley (1792–1822) e John Keats (1795–1821). Byron foi um dos poetas mais importantes da segunda geração romântica inglesa. Suas obras eram repletas de melancolia e de tédio, causados pela dificuldade em encontrar o propósito de uma vida que é finita e por amores não correspondidos. As obras da segunda geração romântica foram marcadas por pessimismo e pela revolta contra as normas sociais e as imposições religiosas.

No decorrer do século XVIII, o papel das mulheres na literatura cresceu. Mary Shelley e Jane Austen são nomes importantes da literatura inglesa. Mary Shelley (1797-1851) foi a autora da famosa obra “Frankenstein” (1818), cujo enredo surgiu na companhia de Percy Shelley, Lord Byron e John Polidori. Já as obras de Jane Austen retratavam a realidade vivida pela autora, como a posição da mulher e do homem na sociedade da época, geralmente em um ambiente rural. Uma característica de suas obras é que os problemas retratados no enredo eram resolvidos no final da história e os personagens colhiam aquilo que mereciam. A autora, muitas vezes, foi criticada por estudiosos que falavam que ela havia criado um mundo em suas obras desconectado das problemáticas sociais que ocorriam na Europa. O Romantismo foi seguido pelo movimento realista.

## **1.2 Jane Austen: vida e obra**

Jane Austen foi uma escritora inglesa, considerada uma das maiores romancistas do século XIX. Nasceu no dia 16 de dezembro de 1775 em Steventon, zona rural da Inglaterra, fruto da união do reverendo anglicano George Austen e de Cassandra. A família Austen pertencia à baixa nobreza agrária e era formada por oito irmãos, sendo Jane e sua irmã mais velha, Cassandra, as únicas mulheres. O reverendo Austen suplementava a renda familiar

assumindo a posição de tutor, sendo assim, recebia em sua residência alguns meninos que queriam reforçar os estudos. A posição de tutor era vista com prestígio e respeito, pois ela era capaz de lapidar a educação que os jovens recebiam nos internatos.

A autora viveu em um período chamado pelos historiadores de “Regencial”, que foi uma transição entre a era Georgiana e a Vitoriana. Tal período foi marcado por diversos acontecimentos históricos importantes, como a guerra entre a França e a Inglaterra e o desenrolar de revoluções. Jane cresceu nesse período, mas passou toda a sua vida em um vilarejo rural, cenário que é comum em todos os seus romances. Sendo assim, apesar de ter vivido em um contexto com grandes acontecimentos em âmbito mundial, Jane citou, em seus romances, aquilo que era comum em sua realidade, como a vida social e os bailes. Por esse motivo, muitos críticos da literatura costumam dizer que a autora criou um mundo “irreal” em suas obras, por não comentar sobre os acontecimentos mundiais em sua narrativa. No entanto, apesar de não abordar esses assuntos de forma clara em seus enredos, ela não era ignorante sobre o que acontecia no mundo, mas preferia dar espaço em seus romances para aquilo que era cotidiano em sua vida.

Durante a infância e juventude de Jane Austen, a Inglaterra não contava com um sistema educacional consolidado. No entanto, havia um sistema educativo fundamentado nas ideias de “Emílio” de Jean-Jacques Rousseau, que acreditava que as diferenças entre as mulheres e homens influíam sobre a moral e, por isso, eles deveriam ser educados de maneira diferente. Esse sistema acreditava que a predisposição da mulher era para cumprir suas funções como mãe e esposa no ambiente doméstico e, dessa forma, não necessitava de uma educação formal. A educação acontecia em escolas dominicais, com os tutores, ou em internatos, mais conhecidos como “escolas para damas”, que eram malquistos e ofereciam uma educação de baixa qualidade.

Jane e sua irmã eram educadas em casa, e apenas nos anos de 1783 a 1786, foram instruídas fora do seio familiar. Em um primeiro momento, tentaram adquirir a educação em Southampton, na casa da Sr.<sup>a</sup> Cawley, mas uma enfermidade infecciosa fez com que elas regressassem para casa. Posteriormente, entre 1785 e 1786, frequentaram um internato em Reading, na Inglaterra. Apesar de ser difícil descrever exatamente o momento em que Jane Austen começou a escrever, sua família sempre promoveu uma aprendizagem baseada na leitura e nas letras e, ainda jovem, ela já possuía um bom número de escritos armazenados, na antologia que hoje é chamado de “Juvenilia”. Após 1787, Jane começou a escrever diversas paródias da literatura da época e entre 1795 e 1799, começou a redigir as primeiras versões dos Cadernos da Fucamp, v.20, n.45, p.165-177/2021

romances que se publicariam sob os nomes *Sense and Sensibility*, *Pride and Prejudice* e *Northanger Abbey*. Em 1800, a família Austen mudou-se para Bath, seguindo a vontade do reverendo Austen. Ainda residindo em Bath, no ano de 1803, Jane vendeu, pela primeira vez, um de seus romances, *Northanger Abbey*, que foi publicado somente quatorze anos depois.

Em 1805, o Reverendo Austen faleceu e deixou a esposa e as filhas em situação econômica precária. Dessa forma, mãe e filhas mudaram-se para Southampton, para viver sob o auxílio dos irmãos. Já em 1809, a família seguiu para Chawton, onde vivia, em uma das propriedades de Edward, filho dos Austen. Nesse local, Jane conseguiu retomar suas atividades literárias e revisou *Sense and Sensibility*. Essa obra foi aceita por um editor por volta de 1810 e foi publicada em outubro do mesmo ano, de maneira anônima, “*By a Lady*”, mesmo Jane assumindo os riscos da publicação. Jane faturou 140 libras esterlinas com esse livro e atraiu algumas críticas positivas.

Em 1813, com a publicação de *Pride and Prejudice*, a identidade de Jane começou a ser conhecida. Posteriormente, Jane Austen passou por um processo de aceitação e de popularidade. Nos anos posteriores, ela lançou outras obras, como *Mansfield Park*, *Emma* e iniciou *Persuasion*. Em 1817, a autora começou a escrever a obra *Sandition*, mas um problema de saúde fez com que ela precisasse abandonar a obra para receber tratamento médico.

Jane Austen faleceu em 1817, aos 41 anos de idade. Considera-se causa de sua morte uma insuficiência na produção dos hormônios da glândula suprarrenal ou adrenal situada acima do rim. Suas últimas palavras foram: “Não quero nada mais que a morte”. Jane está sepultada na Catedral de Winchester e, em seu testamento, escrito em 27 de abril de 1817, deixou tudo que possuía para Cassandra, sua irmã. O seu testamento pode ser encontrado em National Archives.

## 2 METODOLOGIA DE TRABALHO

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica em livros, revistas e *sites* da Internet que tratam do assunto. Foram analisadas as personagens femininas do romance “*Pride and Prejudice*”, de Jane Austen, ao mesmo tempo em que se fez uma descrição da sociedade inglesa vitoriana retratada nos romances.

### 3 A MULHER NAS OBRAS DE JANE AUSTEN

Jane Austen tornou-se referência na literatura inglesa e na mundial com seus romances. Neles, a autora retratava o cotidiano dos séculos XVIII e XIX. Nesses séculos, o papel feminino era pré-estabelecido e as mulheres tinham muitos direitos questionados. Dessa forma, ao ler os romances de Jane Austen, conseguimos perceber como era a sociedade inglesa na Era Vitoriana e como as personagens femininas da autora foram construídas.

As mulheres da Era Vitoriana estavam intimamente relacionadas ao universo doméstico. Essas mulheres já nasciam com seus destinos decididos pelos pais e não deveriam contrariar suas vontades. Além disso, a mulher era vista como um ser desconectado do meio intelectual, sendo este reservado aos homens. Assim, elas não tiveram direito ao conhecimento por longos anos, até resolverem reivindicar seus direitos com as ações feministas. Contudo, essas mulheres deveriam possuir vários atributos, como saber tocar algum instrumento musical, dominar línguas modernas, conseguir bordar, dançar, serem recatadas e graciosas.

O casamento era extremamente importante na sociedade inglesa. Como o Patriarcalismo era marcante no século XIX, com o casamento, a mulher saía do domínio do pai e passava para o domínio de seu marido. Ao casar, a mulher desempenhava seu papel social mais fundamental: o de ser mãe e esposa. Com o casamento, ela conseguia criar alianças políticas e financeiras valiosas, impedir que sua família perdesse uma propriedade comprometida por dívidas e até mesmo tinha a oportunidade de conquistar uma posição social mais elevada.

Há um trecho bem interessante na obra, em que Mr. Darcy, para total repúdio de Elizabeth, discorre o que é uma mulher prendada, em uma reunião na casa de Mr. Bingley:

[...] — Então, observou Elizabeth, você deve abranger muita coisa em seu conceito de uma mulher prendada.

— Sim, considero muita coisa nele.

— Oh!

— Certamente, exclamou seu fiel assistente, ninguém pode realmente ser considerada como prendada se não ultrapassa em muito o que é geralmente tido como prendada. Uma mulher deve ter um vasto conhecimento de música, canto, desenho, dança e dos idiomas modernos para merecer a palavra; e, além de tudo, ela deve possuir um certo quê em seu semblante e modo de caminhar, o tom de sua voz, sua maneira de falar e suas expressões ou a palavra seria meio merecimento. — Tudo isso ela deve possuir, acrescentou Darcy, — e a tudo isso ela deve adicionar algo mais substancial, no aprimoramento de seu espírito com uma ampla leitura.

— Já não estou tão mais surpresa por você conhecer apenas seis mulheres prendadas. Agora me surpreende por conhecer alguma [...] (AUSTEN, 1813, p. 26).]

Jane Austen retratou com maestria os valores da sociedade inglesa em suas obras. A autora descrevia como o patriarcalismo era presente, as exigências para a realização de um bom casamento, como a mulher era apresentada formalmente à sociedade e como era o relacionamento entre homens e mulheres. Neste tópico, será feita uma descrição de como a sociedade inglesa aparece no romance “*Pride and Prejudice*”, de Jane Austen e uma análise das personagens femininas da obra.

O romance “*Pride and Prejudice*” (1813) mostra como a sociedade patriarcal colocava a mulher como inferior ao homem e destacava o quão fundamental era o casamento nessa época. O livro inicia-se com a seguinte frase

É uma verdade universalmente conhecida que um homem solteiro, possuidor de uma boa fortuna, deve estar necessitado de uma esposa (AUSTEN, 1813, p. 9).

Tal colocação mostra que o homem necessitava de uma pessoa que ficasse por conta dos afazeres domésticos e da criação dos filhos. É nesse contexto da burguesia inglesa patriarcal e marcada pelos valores da Era Vitoriana que somos apresentados à família Bennet, composta por marido, mulher e cinco filhas. O enredo acontece em uma zona rural da Inglaterra, Hertfordshire, no início do século XIX. No decorrer da história nos deparamos com diversas personagens submissas aos valores ingleses, no entanto, a protagonista do romance, Elizabeth Bennet, surge como uma mulher deslocada de seu tempo, por fazer suas próprias escolhas e não aceitar que seu destino fosse ditado por outras pessoas. As outras irmãs Bennet possuíam qualidades distintas, como Jane que era dócil e sonhadora e Mary que nutria uma grande paixão pelos livros. No entanto, Elizabeth era a única Bennet que questionava a ordem social.

Seguindo as tradições da época, Mr. Bennet e Mrs. Bennet almejavam que as cinco filhas conseguissem um bom casamento. Mrs. Bennet era descrita como

[...] uma senhora dotada de inteligência medíocre, pouca cultura e gênio instável e [...] a única preocupação da sua vida era casar as filhas (AUSTEN, 1813, p. 11).

De tal maneira, quando dois jovens solteiros e abastados chegam à região (Mr. Darcy e Mr. Bingley), Mrs. Bennet enxerga uma oportunidade de casar duas das filhas e, assim,

solucionar as dificuldades enfrentadas pela família. No entanto, por causa do gênio da segunda filha mais velha, Elizabeth, a mãe não tinha esperanças de que ela contraísse um matrimônio.

O jovem Mr. Bingley logo se apaixona por Jane, a filha mais velha dos Bennets. A jovem é descrita como dona de uma beleza excepcional, tímida e recatada. Entretanto, Bingley era facilmente manipulado pela mãe e pela irmã, que eram contra essa união, por Jane pertencer a uma classe social inferior. Devido aos costumes impostos pela Era Vitoriana, a família do noivo buscava uma jovem que possuísse um bom dote (rendas, terras ou título de nobreza). Contudo, no final da história os dois se casam e vão viver em Netherfield.

As jovens Bennet não possuíam riquezas, pois a fortuna do pai

[...] consistia quase que exclusivamente numa propriedade que lhe rendia duas mil libras por ano [...] (AUSTEN, 1813, p. 33).

Seguindo as convenções da época, as filhas não herdariam essa propriedade, pois os bens deveriam ser destinados para o parente mais próximo do sexo masculino. Assim, o patrimônio de Mr. Bennet seria herdado pelo primo, Mr. Collins. A falta de herança era motivo de preocupação para a mãe, e em uma sociedade em que as relações eram regidas por interesses, o casamento surgia como uma salvação para as filhas. Jane Austen teceu uma forte crítica em seu romance a essa sociedade movida por interesses.

No capítulo treze, a Sra. Bennet demonstra ódio à lei que passa os bens para o parente varão mais próximo de seu marido, no caso representado pelo personagem do Sr. Collins, o primo do Sr. Bennet. Ela recrimina a falta de atitude do marido quanto a este assunto:

[...] Oh! Meu caro exclamou sua esposa, não posso suportar ouvir isso ser mencionado. Por favor, não fale deste homem odioso. Acho que é coisa dura neste mundo, que sua propriedade seja alienada de suas próprias filhas; e tenho certeza, seu eu fosse você, teria tentado há muito tempo fazer alguma coisa a respeito [...] (AUSTEN, 1813, p. 32 ).

Em uma sociedade em que o casamento exercia um papel tão importante, era necessário que as filhas dos casais fossem apresentadas à sociedade e vista pelos homens solteiros da região. Para que isso acontecesse, eram realizados bailes. E é um desses bailes que a protagonista do romance, Elizabeth Bennet, é vista por um dos jovens recém-chegados à região, Mr. Darcy. Esse personagem é descrito como orgulhoso e desagradável e seu encanto por Elizabeth é muitas vezes recusado por a jovem ser de origem humilde.

A jovem Elizabeth Bennet é colocada como uma jovem culta, inteligente e que não concordava com as relações por conveniência. No decorrer do romance, a relação de Elizabeth e Mr. Darcy é marcada pelo orgulho e pelo preconceito de ambos. Quando Mr. Darcy, já

Cadernos da Fucamp, v.20, n.45, p.165-177/2021

interessado por Elizabeth, desafia seu orgulho e pede a moça em casamento, ela recusa, por não enxergar qualidades nele. Diferentemente das outras moças da época, Elizabeth não se interessava em casar com um homem rico apenas para responder às aspirações da família, o que justifica o fato de ela ter recusado o pedido de casamento de Mr. Collins e de Mr. Darcy.

Mrs. Bennet recebia as recusas da filha com infelicidade, pois acreditava que isso arruinaria o destino de todas as mulheres da família. Já seu pai concordava com tal posicionamento, pois sabia que um casamento de conveniência significaria a infelicidade dela. Em certa parte da história, Mr. Bennet diz:

[...] Conheço o seu gênio, Lizzy, penso que jamais você seria feliz e equilibrada a não ser que estime realmente o seu marido[...]. (AUSTEN, 1813, p. 364)

Assim como Mr. Darcy conseguiu superar seus preconceitos e orgulho ao admitir seu amor por Elizabeth, aos poucos ela também conseguiu perceber que Mr. Darcy não era uma pessoa ruim. Ao ler uma carta escrita por ele para justificar suas atitudes e ao saber de seus atos de humildade e de bondade, Elizabeth compreende que o rapaz é sensível e do bem. Progressivamente, a protagonista nutre seu amor e estima por Mr. Darcy e consegue admitir que o ama. Com esse amor recíproco, Elizabeth finalmente aceita o pedido de casamento de Darcy e o casal vai viver em Pemberley. O casamento entre eles não foi bem visto pela tia de Mr. Darcy, já que Elizabeth não possuía fortuna.

Como podemos perceber, as mulheres de Jane Austen na obra “*Pride and Prejudice*” seguiam os costumes da Era Vitoriana. A sociedade era marcada por relações baseadas em interesses, pela diferença entre as maneiras incumbida aos homens e as mulheres e pelo preconceito com aqueles que ocupavam as posições sociais mais baixas. Todavia, a personagem Elizabeth Bennet destaca-se na obra por não assentir com as imposições da sociedade inglesa e tomar suas decisões baseadas no amor e apreço, não naquilo que era oportuno.

É interessante a dicotomia entre Mrs. Bennet e Elizabeth: a primeira representa a mulher submissa e a segunda, um protótipo da mulher que viria a se realizar na sociedade do século XX, após tantas lutas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar ao final deste trabalho, percebemos que seu objetivo foi desenvolver um estudo na área de Literatura Inglesa sobre as personagens femininas na obra “*Pride and*

*Prejudice*”, de Jane Austen. Para responder a pergunta de pesquisa ”em que extensão as personagens femininas de Jane Austen conseguiram contestar e afirmar a visão de mundo do patriarcado inglês?”, realizei pesquisas em livros, revistas e sites da Internet que tratam do assunto.

No decorrer deste trabalho, foram analisadas as personagens femininas do romance “*Pride and Prejudice*”, de Jane Austen, e foi feita uma descrição da sociedade inglesa vitoriana retratada nos romances. Como as obras da escritora inglesa fazem parte do estilo de época romântico, suas mulheres deveriam seguir os padrões da época. Com os paradigmas vitorianos, o patriarcalismo era presente e com isso, as mulheres não podiam expressar suas opiniões, não tinham acesso ao conhecimento e estavam ligadas apenas ao universo doméstico. No entanto, a personagem Elizabeth Bennet, protagonista da obra “*Pride and Prejudice*” destacou-se por não permitir que esses padrões ditassem seu destino.

Diante do que foi colocado nesse estudo, percebemos que ele se justifica devido à importância literária de Jane Austen, que é considerada uma das mais notáveis escritoras em âmbito mundial. A escritora britânica conseguiu colocar em suas obras personagens marcantes e que, mesmo com o passar dos séculos, continuam atuais. Além disso, mesmo diante do fato de que a mulher era vista como inferior ao homem, Jane Austen discorreu em suas obras sobre a moral da sociedade inglesa com excelência e teceu uma crítica aos padrões ingleses, principalmente às relações baseadas em interesses.

A Figura 1 apresenta uma foto do testamento de Jane Austen, traduzido pela pesquisadora.

C15 N  
I Jane Austen of the Parish of Chawton do  
by this my last will & Testament give and  
bequeath to my dearist sister Cassandra Elizabeth  
every thing of which I may die possessed,  
or which may be hereafter due to me,  
subject to the payment of my Funeral  
Expences, & to a Legacy of £ 50. to  
my Brother Henry, & £ 50. to M<sup>de</sup>  
Bignon – which I request may be paid  
as soon as convenient. And I appoint  
my said dear Sister the Executrix of  
this my last will. & Testament:  
Jane Austen  
April 27. 1817

Fonte: National Archives.

Tradução:

“Eu, Jane Austen, da paróquia de Chawton, deixo por meio destes meus últimos desejos e testamento para minha querida irmã, Cassandra Elizabeth, tudo o que possuo e/ou tudo que possa vir a ser devido para mim daqui em diante, sujeito ao pagamento das despesas de meu funeral, e um legado de £50 para meu irmão Henry e £50 para madame de Bignon – a serem pagos tão logo seja oportuno. E nomeio minha dita e cara irmã inventariante dos meus últimos desejos e testamento.

Jane Austen

27 de abril de 1817”

## REFERÊNCIAS

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 6023, de 21.11.2018**. Informação e documentação, trabalhos acadêmicos, apresentação. Rio de Janeiro, 2018.

AMARAL, Isabella Vieira de Souza. **As representações de educação feminina nos filmes/romances de Jane Austen**. 2014. 35 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. Tradução de Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. 374 p.

AVELAS, Rafaela. **O que é o romance gótico**. 2019. Disponível em: <https://livrocafe.com/2019/10/09/o-que-e-o-romance-gotico/> Acesso em: 14 set. 2020.

BARROS, Samira Alves de. **Representações das personagens femininas de orgulho e preconceito, de Jane Austen**. 2013. 46 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2013.

BODART, Cristiano das Neves. **Rousseau e as mulheres: Emílio ou da educação**. 2015. Disponível em: <https://www.google.com.br/amp/s/.cafecomsociologia.com/visao-de-rousseau-sobre-as-mulheres/amp/>. Acesso em: 9 set. 2020.

FONSECA, Mariana; SILVA, Vitória Régia da. **As mulheres de Jane Austen**. 16 fev. 2017. Disponível em: <http://www.revistacapitolina.com.br/as-mulheres-de-jane-austen/>. Acesso em: 27 set. 2020.

FULKS, Rebeca. **Livro Orgulho e Preconceito, de Jane Austen**. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/orgulho-e-preconceito-jane-austen/>. Acesso em: 27 set. 2020.

GUALBERTO, Thay. **Jane Austen: muito além do romance**. 2016. Disponível em: <http://valkirias.com.br/jane-austen-muito-alem-do-romance/> Acesso em: 15 set. 2020.

HISOUR. **Literatura Romântica em Inglês**. Disponível em: <https://www.hisour.com/pt/policy/> Acesso em: 15 set. 2020.

KISNER, Pauline. **Noivas Vitorianas: o casamento na era vitoriana**. 13 jun. 2019. Disponível em: <http://amodistadodesterro.com/casamento-era-vitoriana/>. Acesso em: 27 set. 2020.

MACEDO, Thayna. **As heroínas de Jane Austen**. 2014. Disponível em: <https://homoliteratus.com/as-heroinas-de-jane-austen/>. Acesso em: 9 set. 2020.

RESUMO ESCOLAR. **Autores e características da segunda geração romântica**. Disponível em: <https://www.resumoescolar.com.br/literatura/autores-e-caracteristicas-da-segunda-geracao-romantica/> Acesso em: 15 set. 2020.

ROSSI, Aparecido Donizete. **Manifestações e configurações do gótico nas literaturas inglesas e norte-americanas: um panorama**. 11 f. Artigo científico. - Universidade Estadual Paulista.

SALLABERRY, Raquel. **O testamento de Jane Austen**. 2010. Disponível em: <https://www.janeausten.com.br/o-testamento-de-jane-austen/>. Acesso em: 14 out. 2020.

The National Archives. **Jane Austen's will**. Disponível em: [http://www.nationalarchives.gov.uk/museum/item.asp?item\\_id=33/](http://www.nationalarchives.gov.uk/museum/item.asp?item_id=33/). Acesso em: 14 out. 2020.